

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL**  
**CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDU**  
**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO – TCC**  
**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO “LATO SENSU” EM FILOSOFIA E EDUCAÇÃO – 2016/2017**  
**(RESOLUÇÃO nº 26/2015-CONSUNI/UFAL de 04/05/2015)**

---

**A CRISE DA RACIONALIDADE MODERNA E DA EDUCAÇÃO:  
É possível a emancipação por meio da educação?**

**Priscila Fernanda da Silva**

**MACEIÓ – AL**

**2017**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL**  
**CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDU**

**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO “LATO SENSU” EM FILOSOFIA E EDUCAÇÃO –**  
**2016/2017**  
**(RESOLUÇÃO nº 26/2015 de 04/05/2015)**

**ATA DE AVALIAÇÃO DE DEFESA DE TRABALHO DE**  
**CONCLUSÃO DO CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM**  
**FILOSOFIA E EDUCAÇÃO – VIA DO ALUNO**

Aos **21 dias** do mês de **novembro de 2017** foi instalada a Sessão de Defesa de Trabalho de Conclusão – TCC do Curso de Especialização em Filosofia e Educação, ofertado pelo Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas, às 17h, na Sala de Seminários da mesma instituição, a que compareceu a aluna **Priscila Fernanda da Silva**, apresentando o trabalho: “ **A Crise da racionalidade moderna e da Educação: é possível a emancipação por meio da educação?** ”, tendo como componentes da Banca Examinadora os professores Dr. Francisco Pereira de Souza (Presidente), Ms. Maria Aparecida Batista de Oliveira e Dr. José Vicente Medeiros da Silva.

Submetido à avaliação da Banca examinadora composta pelos professores:

1. Prof. Dr. Francisco Pereira de Souza (ICHICA/UFAL)
2. Profa. Ms. Maria Aparecida Batista de Oliveira (ICHICA/UFAL)
3. Prof. Dr. José Vicente Medeiros da Silva (Arapiraca/UFAL)

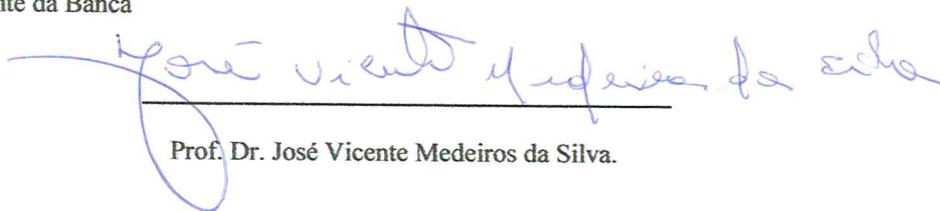
Obtendo a média final 10,0 (DEZ) tendo sido considerado aprovado por esta Banca Examinadora. E por estar conforme, eu, Francisco Pereira de Souza, Presidente da Banca Examinadora lavrei a presente ata que vai assinada por mim e pelos demais membros da banca.



Prof. Dr. Francisco Pereira de Souza  
Presidente da Banca



Profa. Ms. Maria Aparecida Batista de Oliveira



Prof. Dr. José Vicente Medeiros da Silva.

## **A CRISE DA EDUCAÇÃO E DA RACIONALIDADE MODERNA: É possível a emancipação por meio da educação?**

**Priscila Fernanda da Silva<sup>1</sup>**  
e-mail: priscilaf\_letters@hotmail.com

**Orientador: Prof. Dr. Francisco Pereira de Souza<sup>2</sup>**  
e-mail: souzafranciscopereira@gmail.com

### **RESUMO**

Discute-se, a partir de um levantamento bibliográfico, o papel da educação e da racionalidade moderna. Para tanto, dado o universo de questões que isto implica, preferiu-se conduzir um debate sob a ótica de Immanuel Kant (Sobre a pedagogia) e Max Horkheimer (Eclipse da razão). A leitura e importância da análise destes autores suscita inquietantes questões para uma sociedade que tem vindo a vivenciar os dramas e os desafios da modernidade. Portanto, o debate sobre os modos e as utopias racionalizadoras, para quem a educação representa a emancipação, evidencia a existência da diferenciação social experimentada, especialmente, pelas novas gerações.

**Palavras-chave:** Educação; Modernidade; Racionalidade.

### **ABSTRACT**

It is discussed from a bibliographic survey, the role of education in modern rationality. Therefore, given the universe of questions that this implies, it was preferred to conduct a debate from the standpoint of Immanuel Kant (Ueber paedagogie) and Max Horkheimer (Eclipse of reason). The reading and importance of the analysis of these authors raises disturbing questions for a society that has been experiencing the dramas and challenges of modernity. Therefore, the debate about the rationalizing modes and utopia, for whom education represents intellectual emancipation, evidences the existence of social differentiation, especially, experienced by the new generations.

**Keywords:** Education, Modernity, Rationality.

---

<sup>1</sup> Graduada em Letras – Inglês pela Universidade Federal de Alagoas, aluna do programa de pós-graduação em filosofia e educação da referida instituição.

<sup>2</sup> Doutor em Filosofia. Professor Adjunto da UFAL. Membro do Grupo de Pesquisa: Ética e Cidadania/ANPOF.

## Introdução

Há um impasse atual, portanto, entre os avanços alcançados no meio técnico-científico e o consequente processo de construção para emancipação intelectual. Para Max Horkheimer a razão que se propunha formadora de sujeitos autônomos vê-se hoje limitada por uma sociedade administrada e dominada por uma “razão instrumental”<sup>3</sup>, logo, a racionalidade moderna, apresenta significativas questões à pedagogia.

Com os avanços tecnológicos e todas as mudanças que vieram como consequência, houve uma transformação gigantesca no que diz respeito não somente ao espaço físico, mas também às pessoas como um todo. O mundo virtual, agora, é o nosso *habitat*, os interesses sociais não são mais os mesmos, o objetivo é alcançar marcas, bater recordes, produzir, reproduzir, ganhar visibilidade, possuir *status*, gozar de credibilidade, os sujeitos constituintes desse espaço global devem dar conta do que dele o mundo capitalista e contemporâneo exige e, no campo educacional a pedagogia da facilidade tem se tornado cada vez mais soberana e, o deixar-se conduzir pelas decisões de outrem cada vez mais comum. Dito isto, é possível ter uma noção desse novo sujeito moderno ao qual estamos lidando e do qual recai em nossos ombros a responsabilidade de educar.

Ao mesmo tempo não se pode deixar de interrogar, em função do intenso processo de modernização tecnológica, bem como a ampla gama de informações, via redes sociais e outras *mídias*, quem é esse “novo” sujeito que se coloca em nossa frente e do qual devemos educar? Quais implicações que a “pedagogia da facilidade” traz na formação de um sujeito que busca sua emancipação? É possível a saída da minoridade rumo ao esclarecimento proposto por Kant em meio a uma “sociedade administrada”, onde a razão subjetiva predomina? Se pensarmos a sala de aula: estão os docentes, assim como os discentes, acompanhando esse ritmo de produção de conhecimento na atual sociedade moderna?

É, especialmente, sobre essas questões que o presente texto procura, tendo por base os filósofos alemães, já citados anteriormente, problematizar os atuais desafios da educação como ferramenta para a construção dos novos sujeitos. Dessa forma, os tópicos seguintes buscarão pontuar os elementos centrais discutidos em torno do que vem a ser o

---

<sup>3</sup> Razão instrumental é um termo usado para designar o estado em que os processos racionais são plenamente operacionalizados. A razão instrumental, Horkheimer opõe a razão crítica.

esclarecimento, assim como a racionalidade instrumental, refletindo assim sobre a crise da educação na racionalidade moderna.

Buscamos em Kant aquilo que é mais significativo na modernidade: a sua contribuição – para a filosofia do sujeito – da ideia de emancipação do indivíduo, a sua libertação subjetiva das amarras das superstições e preconceitos e a sua elevação de um estágio de minoridade para maioria através do uso próprio e “ousado” da razão subjetiva. Kant é o primeiro grande filósofo moderno a enfatizar a importância da educação para a produção de um sujeito moderno livre e/ou emancipado.

Os filósofos contemporâneos detectaram, porém, que essa razão subjetiva moderna produziu monstros: ela também foi capaz de produzir um sistema racional de dominação social e econômica (capitalismo) e sistemas políticos autoritários e desumanos (fascismo, nazismo). A razão é, desse modo, instrumentalizada para a conquista e dominação do outro, como nos mostra Horkheimer. Mas, mesmo que essa racionalidade seja fonte de escravidão e/ou dominação social, ela é também a responsável pela libertação ou emancipação do sujeito que a utiliza. Como fica o processo educativo neste contexto? O que esses filósofos têm a nos oferecer de contributo nesse terreno?

### **Kant e a busca pelo esclarecimento**

Há muito tempo o processo de ensino-aprendizagem é motivo de preocupação para a humanidade. Desde as sociedades primitivas, os mais velhos davam aos mais jovens ensinamentos com a intenção de conservar sua cultura, em que eram ensinadas as tradições e costumes de seu povo, tal como, as artes, a pesca, a caça e também rituais de iniciação ao ingresso nas atividades adultas, com o passar dos tempos e diante das mudanças ocorridas na sociedade e dos interesses surgidos, à educação foi fortemente influenciada.

Immanuel Kant, filósofo alemão do século XVIII afirma ser impossível ao homem tornar-se um verdadeiro homem senão pela educação (1996, p.15). Para esse filósofo, é pelo viés da educação que o homem poderá alcançar sua emancipação e conseqüentemente a libertação do mundo ao qual a razão e a moral foram corrompidas.

Kant é considerado, por excelência, o pensador da modernidade e vem de um período descrito como o século das luzes, período em que a ciência começou a ocupar um lugar

significativo na construção do conhecimento. Esse período caracterizou-se pela crítica a toda e qualquer crença, estimulava uma cultura centrada na capacidade e autonomia do indivíduo e, no predomínio da razão sobre a fé. A sociedade passa, a partir daí, a ser vista como fruto da invenção humana. O ideal pedagógico do iluminismo é o de um sujeito crítico e transformador.

A ciência moderna começou a se constituir através do uso da razão como meio de alcançar o conhecimento, sob essa nova perspectiva a sociedade como um todo sofre interferências diretas dos cidadãos que a constitui, com isso, a árvore deixa de ser natureza mãe e passa a ser matéria prima. Em vista disso, se os homens fizeram a sociedade, eles podiam modificá-la. Entretanto, a aposta na razão tem inúmeras consequências, pois observar o mundo como consequência da ação e invenção humana é diferente de enxergá-lo como resultado da criação divina.

Kant atribui a educação um papel fundamental. A educação é vista por ele como uma espécie de cuidado que uma geração tem sobre a outra como meio e precaução para que não venha a fazer uso de suas vontades imorais, é atribuída a educação a responsabilidade de ser ela o principal meio para a construção de uma sociedade livre, justa e igualitária. O filósofo inicia uma de suas obras nos dizendo que “O homem é a única criatura que precisa ser educada” (Kant, 1996, p.11). Para ele esse processo deve acontecer através da disciplina e da instrução, pois é por esses meios que a formação da criança em sua infância acontecerá de forma concreta e eficaz estabelecendo assim a conservação e o trato de sua cultura.

A disciplina diz respeito ao agir social e procura estabelecer no indivíduo o controle de seus instintos e de suas inclinações já que ao chegar ao mundo, a criança chega em estado bruto, deste modo, o ser humano não nasce pronto. A disciplina é o que impede ao homem de desviar-se do seu destino, de desviar-se da humanidade, através das suas inclinações animais (KANT, 1996, p.12). É uma espécie de polimento, é ela que permite ao homem seguir em frente e, embora objetive o preparo da criança ao convívio na sociedade é, segundo Kant (1996, p.12), puramente negativa, porque é o tratamento através do qual se tira do homem sua selvageria.

É interessante observar que aqui se estabelece um paradoxo entre disciplina e liberdade, se por um lado a disciplina transforma a animalidade em humanidade, por outro ao perder sua animalidade o homem passa a seguir leis e ordens estabelecidas por pessoas e

entidades sociais com interesses específicos, com isso, acaba deixando-se tutelar e atribuindo, por exemplo, à religião ou ao Estado, o papel que é da razão. Não seria a disciplina uma espécie de amarra que faz contínua a prisão dentro da menoridade?

A disciplina submete o homem às leis da humanidade e começa a fazê-lo sentir a força das próprias leis. Mas isso deve acontecer bem cedo. Assim, as crianças são mandadas cedo à escola, não para que aí aprendam alguma coisa, mas para que aí se acostumem a ficar sentadas tranquilamente e a obedecer pontualmente aquilo que lhes é mandado, afim de que no futuro elas não sigam de fato e imediatamente cada um de seus caprichos (KANT, 1996, p. 12-13).

Embora reconheça nesse processo seu caráter negativo, Kant defende o educar por meio da disciplina por cumprir um papel de harmonização social, pois, para ele a humanidade é feita por inclinações, sensações e tendências individuais que afetariam o convívio coletivo, uma vez que

Mas, o homem é tão naturalmente inclinado a liberdade que, depois que se acostuma a ela por longo tempo, a ela tudo sacrifica. Ora, este é o motivo preciso, pelo qual é conveniente recorrer cedo a disciplina; pois, de outro modo, seria muito difícil mudar depois o homem. Ele seguiria, então, todos os seus caprichos. Do mesmo modo, pode-se ver que os selvagens jamais se habituem a viver como os europeus, ainda que permaneçam por muito tempo a seu serviço. O que neles não deriva, como opinam Rousseau e outros, de uma nobre tendência à liberdade, mas de uma certa rudeza, uma vez que o animal ainda não desenvolveu a humanidade em si mesmo numa certa medida. Assim, é preciso acostumá-lo logo a submeter-se aos preceitos da razão (KANT, 1996, p. 13).

A instrução diz respeito a cultura. Kant quando pensa em educação, pensa em cultura, pensa em civilização. A educação é movimento, ele acredita na possibilidade da educação tornar-se sempre melhor a cada nova geração, embora, deixe claro que se trata de uma tarefa árdua, demasiado longa e impossível de se construir sem a ação do outro. Neste sentido, afirma Kant (1996, p. 20)

A educação, portanto, é o maior e o mais árduo problema que pode ser proposto aos homens. De fato, os conhecimentos dependem da educação e esta, por sua vez, depende daqueles. Por isso, a educação não poderia dar um passo à frente a não ser pouco a pouco, e somente pode surgir um conceito na arte de educar na medida que cada geração transmite suas experiências e seus conhecimentos à geração seguinte, a qual lhes acrescenta algo de seu e os transmite à geração que lhe segue... Deve a educação do indivíduo imitar a cultura que a humanidade em geral recebe das gerações anteriores?

Para adquirir as habilidades necessárias para atingir determinados fins, a humanidade precisa da formação escolástica. Para Immanuel Kant, as gerações futuras preparam as precedentes, logo, dão um passo a mais em direção ao aperfeiçoamento da humanidade por estarem melhor aparelhadas. É através da educação que será possível a libertação da

menoridade, mas não é qualquer tipo de educação que alcançará esse feito, é imprescindível despertar no aluno a capacidade de reflexão crítica para que ele atinja seu esclarecimento, tem que haver uma educação raciocinada e não mecânica.

O fim último da educação é a moralidade e, a autoridade última da moral é a razão. O ser humano esclarecido é aquele que faz uso de seu entendimento sem a condução de outros, ou seja aquele que sai de sua heteronomia e alcança sua alteridade, reconhece sua autonomia, elevando-se e libertando-se da incapacidade de pensar por si próprio. E o que seria esse estado de menoridade e maioridade? Porque sair dela? Porque buscá-la?

A menoridade seria a incapacidade do indivíduo em fazer uso de seu próprio entendimento sem o auxílio de outro, deste modo, o sujeito está inserido num estágio de comodidade do qual nenhum, ou quase nenhum, esforço por ele é praticado já que outros o fazem, nesse sentido:

É tão cômodo ser menor. Se tenho um livro que faz as vezes de meu entendimento, um diretor espiritual que por mim tem consciência, um médico que por mim decide a respeito de minha dieta, etc., então não preciso esforçar-me eu mesmo. Não tenho necessidade de pensar, quando posso simplesmente pagar; outros se encarregarão em meu lugar dos negócios desagradáveis (KANT, 2005, p. 65).

A permanência no campo da menoridade abre caminho para que outros tomem a direção da vida do indivíduo, manipulando-o, essa permanência se dá por motivos diversos dentre eles estão a preguiça, o medo e o oportunismo, muitos se encontram nesse paradigma e, muitos permanecerão. A passagem desse estágio cômodo a uma atitude de coragem e participação ativa no processo de formação da própria racionalidade, contrária ao que acontece a menoridade, é chamada maioridade.

Ser maior é fazer uso de seu próprio entendimento. Kant faz uso de uma famosa frase para aconselhar as pessoas a buscar seu próprio entendimento: *Sapere Aude*. Ou seja, ouse saber, atreva-se a saber, pois ser autônomo é ser livre e a razão é um exercício da autonomia. Para Kant, O homem não pode tornar-se um verdadeiro homem senão pela educação. Ele é aquilo que a educação dele faz (KANT, 1996, p.15). Assim, podemos dizer que a educação, como é posta pelo filósofo, teria um papel imprescindível na estruturação da racionalidade humana e na emancipação do indivíduo.

Em um cenário em que o espaço educacional moderno deve adaptar-se a seu alunado e não mais o contrário, como foi estabelecido a séculos atrás, a que pés caminha a educação?

## O espaço moderno e a configuração da racionalidade

As complexidades da vida atual refletem o processo de mutação que a sociedade apresenta, com isso, a educação é profundamente afetada pelas características desta sociedade. Segundo Michel Serres (2013, p.16) “O mundo global não é mais o mesmo, nem o mundo humano”. As pessoas agora são e estão mais informadas, não se tem a mesma cabeça. Nessa perspectiva:

Essas crianças, então, habitam o virtual. As ciências cognitivas mostram que o uso da internet, a leitura ou escrita de mensagens com o polegar, a consulta a wikipédia ou ao facebook não ativam os mesmos neurônios ou as mesmas zonas corticais que o uso do livro, do quadro-negro ou do caderno. Essas crianças podem manipular várias informações ao mesmo tempo. Não conhecem, não integralizam nem sintetizam da mesma forma que nós, seus antepassados. Não tem mais a mesma cabeça. Por celular, tem acesso a todas as pessoas; por GPS, a todos os lugares; pela internet, a todo o saber: circulam então, por um espaço topológico de aproximação, enquanto nós vivíamos em um espaço métrico, referido por distâncias. Não habitam mais o mesmo espaço (SERRES, 2013, p. 19).

O cenário narrado acima é resultado do progresso alcançado na ciência e na tecnologia e configura um avanço positivo no que diz respeito ao espaço global, os recursos midiáticos e tecnológicos estão à nossa frente, espalhados em todos os lugares e de diversas formas, disponíveis para que o usemos de tal forma que colabore no nosso crescimento pessoal e profissional, todavia, para alguns filósofos, esse avanço, não corresponde necessariamente a um progresso da humanidade, já que no contexto do capitalismo avançado, a cultura tem sido absorvida pela civilização, com isso, o declínio do indivíduo é o declínio da razão e consequentemente o declínio da cultura.

Hoje, as condições materiais existem. O que está faltando são homens que compreendam que são eles mesmos as vítimas ou os executores da própria opressão. Já que todas as condições para o desenvolvimento de tal compreensão existe, é absurdo esperar que seja defensável a noção de “imaturidade das massas” (HORKHEIMER, 2002, p. 167).

Max Horkheimer é uma das figuras exponenciais da chamada escola de Frankfurt e, dono de uma filosofia essencialmente ética que propunha o estabelecimento de um novo paradigma para a filosofia social baseado na teoria crítica, ele pensa a autonomia dos indivíduos a partir dos traumas sociais e do quanto eles determinam sua consciência. Em sua

obra “Eclipse da razão”, o filósofo alemão faz uma análise sobre o estado atual da razão moderna e a divide em duas categorias, chamando-as de razão objetiva e razão subjetiva.

A crítica desenvolvida por ele, entorno da racionalidade que estava sendo privilegiada em sua época, e que perdurou até os dias de hoje, marcou a tradição filosófica, pois, colocou em questionamento as possibilidades emancipatórias da própria razão. Para ele, a razão foi reduzida e configurada a uma simples instrumentalização das coisas.

Silva (2001) lembra que a aposta na racionalidade como meio de emancipação confiava a educação a fonte do progresso humano, contudo o tipo de racionalidade privilegiada pela ciência na época, ao contrário de conduzir a almejada libertação, acabou por reconduzi-la a diferentes formas de irracionalidade e com isso torna-se o seu principal meio de dominação.

Em eclipse da razão, Max Horkheimer, discorre sobre o percurso feito pela razão ao longo da história e, como já citado anteriormente, a vê dividida em dois sentidos. Em um dos sentidos, dado a racionalidade, está a razão objetiva que corresponde a uma dimensão capaz de definir os fins das ações exigindo uma atitude teórico-prática que parte da realidade vivenciada comprometendo-se com a totalidade. Para o filósofo, essa seria a esfera do qual deveríamos fundamentar nossa consciência racional.

O grau de racionalidade de uma vida humana podia ser determinado segundo a sua harmonização com essa totalidade. A sua estrutura objetiva, e não apenas o homem e seus propósitos, era o que determinava a avaliação dos pensamentos e das ações individuais. Esse conceito de razão jamais excluiu a razão subjetiva, mas simplesmente considerou-a como a expressão parcial e limitada de uma racionalidade universal, da qual se derivavam os critérios de medida de todos os seres e coisas. A ênfase era colocada mais nos fins do que nos meios. O supremo esforço dessa espécie de pensamento foi conciliar a ordem objetiva do “racional”, tal como a filosofia o concebia, com a existência humana, incluindo o interesse por si mesmo e a autopreservação. Platão, por exemplo, idealizou a sua *República* a fim de provar que aquele que vive à luz da razão objetiva vive também uma vida feliz e bem sucedida (HORKHEIMER, 2002, P. 10-11).

Em contrapartida, a esse tipo de racionalidade está a razão subjetiva que apresenta um funcionamento mais abstrato do mecanismo de pensamento e age como uma forma de direcionamento a realização de objetivos em benefício do sujeito, deste modo, deixa de lado um princípio objetivo firmado em uma totalidade e passa a se afirmar como um princípio de autopreservação, fazendo com que os interesses individuais se sobreponham ao interesse coletivos, em vista disso, a razão subjetiva se desdobra em uma instrumentalização, pois, passa a ter como objetivo principal a identificação da razão como um instrumento para a

realização de fins. A pergunta mediadora de tal processo social passa de *Porquê fazer?* a *Como fazer?* Em vista disto, os valores éticos e morais mudam.

A preservação da vida que era o conteúdo da razão coordenadora entre meios e fins, é substituída por uma autopreservação do indivíduo. Há portanto, uma redução da razão a um caráter meramente instrumental na perseguição de interesses individuais, uma vez que aquela dimensão de totalidade já não existe (PETRY, 2013, p. 35).

A crítica feita por Horkheimer a racionalidade instrumental está diretamente ligada aos valores por ela produzidos. Se por um lado, houve um avanço no que diz respeito aos recursos técnicos de informação; por outro, junto a esse avanço acompanhou-se um processo de desumanização, vivemos uma crise ética sem precedentes, a sensibilidade foi perdida e o resultado dessa perda culminou no endurecimento do indivíduo. Sob os efeitos dessa crise, o filósofo alemão, analisa a sociedade moderna e observa que os interesses do mercado, cada vez maior, exerce uma influência direta sobre a consciência do sujeito, tendo assim, um poder alienante e manipulador. Em linhas gerais, o termo “razão instrumental” – utilizado por este filósofo – evidencia o estado de consciência em que os processos racionais são operacionalizados. A partir, dessa perspectiva ele examina a indústria cultural, representada sobretudo pela televisão, rádio e propaganda, ou seja, pela indústria do entretenimento que, de modo sutil, lança à sociedade as exigências postas pelo avanço técnico e a necessidade de adaptação, o mais rápido possível, aos interesses do capitalismo.

Max Horkheimer tem uma visão pessimista com relação a “indústria cultural”<sup>4</sup>, ele a vê como um meio de dominação e reprodução que banaliza e mascara cenas reais da vida, pois visa a padronização comportamental e massificação das pessoas e, que prega a ideologia de se alcançar o bem-estar pessoal a todo custo mesmo que para isso se faça necessário fechar os olhos para o outro, exercendo, assim, o desenvolvimento de uma geração de pessoas programadas e designadas a desempenhar a função daquilo que é demandado pelo sistema seja na esfera política, moral ou econômica.

Há um consenso geral ao que diz respeito à crise que a educação vem passando, reflexo do processo de desenvolvimento, ou, a depender do ponto de vista, retardamento que se deu ao longo dos anos. A educação, do modo como Horkheimer a interpreta, deve levar o

---

<sup>4</sup> A expressão surgiu na década de 1940, no livro “*Dialética do Esclarecimento: Fragmentos filosóficos*”, escrito em 1942 e publicado em 1972. O termo designa o fazer cultural e artístico sob a lógica da produção da indústria capitalista. Possui como corolários o lucro acima de tudo e a idealização de produtos adaptados para consumo das massas.

indivíduo a amplitude de experiência, na relação com o outro, em um mundo em que a esfera de valores, portanto, da cultura foi submetida aos interesses da produção.

### **A crise educacional no sistema público de ensino**

A escola aparece como instituição encarregada de instituir e educar, por volta do século XVII, através de um processo de ensino sistematizado e organizado em função das necessidades educacionais dos alunos. De acordo com Anísio S. Teixeira (1999, p. 311):

A escola propriamente dita, somente aparece em estágio avançado e complexo da cultura, quando está, já consciente, adquire as técnicas intelectuais da leitura e da escrita e o saber pelo livro, cuja transmissão não se pode efetuar senão sistematicamente. A escola surge, pois, como uma instituição já altamente especializada proposta a formação de intelectuais, de letrados, de eruditos, de homens de saber ou de arte.

Portanto, havia na modernidade, a intenção de desenvolvimento intelectual e artístico da humanidade (ideia de progresso). Mediante ao avanço intelectual que se deu nos mais variados campos sociais com a ciência e o ritmo acelerado ao qual tudo foi se desenvolvendo, houve a necessidade de se pensar em uma educação mais generalizada devido ao desenvolvimento da civilização. Ainda segundo Teixeira (1999, p. 312) “As escolas passaram a ter dois objetivos: a formação geral e comum de todos os cidadãos e a formação dos quadros de trabalhadores especializados e de especialistas de toda espécie exigidos pela sociedade moderna”.

A interferência direta do Estado sobre a educação acontece somente no século XIX e tinha a intenção de oferecer aos cidadãos uma educação escolar básica que o levasse a se inserir na sociedade, agora, complexa e progressiva, resultado da civilização industrial moderna, enquanto a elite desfrutava de bons estudos, o povo era direcionado ao regime do mero adiestramento, motivo pelo qual tantas escolas foram levadas ao empobrecimento intelectual.

À medida que o tempo foi passando e a sociedade se expandiu, a necessidade da força de trabalho ficou cada vez mais evidente, logo, abriu-se caminho para a expansão escolar descompassada, uma espécie de corrida onde o destino final seria o mercado de trabalho, mediante o exposto. A sociedade moderna dita as regras do jogo e a função das instituições de ensino é trabalhar em concordância com os interesses contemporâneos, com isso, devem essas

instituições determinar fins e objetivos que visem tipos de aptidões, que contribuam, para o desenvolvimento pessoal desses sujeitos e para que assim melhor se realizem. Enquanto, as escolas buscam um caráter mais ativo e prático, as universidades buscam um caráter mais técnico e especializado.

Diante de tantas mudanças ocorridas, ficou clara a necessidade de adequação das metodologias educacionais até então utilizadas. São recorrentes discussões acerca de qual tipo de abordagem e quais tipos de conteúdo devem ser trabalhados em sala de aula, o que dá a ideia da não desistência da criação de uma didática universal, iniciada por João Amós Comênio a séculos atrás. A prática pedagógica é um desafio constante para os professores e, para muitos desses professores, é urgente a necessidade de uma reformulação educacional que caminhe de acordo com o momento e sujeitos ao qual nos deparamos. A receita de como ministrar uma boa aula e fazer satisfeito aluno e professor parece ser a charada educacional do século XXI.

Há um consenso quanto à crise educacional. A educação passa por vários problemas, os desafios encontrados na rede pública de ensino, realidade da qual presencio, não estão somente no fato da superlotação de alunos em sala de aula, média de 40 a 60 por turmas, mas também no descaso com a infraestrutura escolar e falta de apoio e investimento em programas que incentivem professores a se inserirem ao global e a tudo que está circulando ao presente século, em consequência disso, se faz acompanhar uma anacronia que justifica o fato da educação andar em descompasso com os dias presentes, fazendo surgir no aluno o desinteresse e constantes lamúrias ao que diz respeito ao espaço escolar.

Estamos diante de um cenário heterogêneo e multifacetado, em vista disso, o educador tem encontrado problemas cotidianos na obtenção do êxito em seus processos didáticos, houve uma inversão situacional, onde, antes era tarefa do aluno adaptar-se à escola de acordo com as normas e regras por ela imposta, hoje, acontece o oposto, a escola, sobretudo, os professores, devem se adaptar a esse novo tipo de alunado do qual é possível identificar marcas da contemporaneidade, tais como a busca pelo fácil e imediato. Por conta desse imediatismo, a educação deixa de lado um caráter qualitativo e passa a priorizar números, estatísticas, metas. Há, na época atual, uma grande facilidade em se obter informações, de teoricamente aprender sem esforço nenhum, com a expansão das comunidades discursivas, na medida em que podemos interagir praticamente com qualquer pessoa em qualquer lugar do

mundo, rompendo definitivamente o aqui e o agora, através, sobretudo, da internet, é cada vez mais perceptível o interesse dos alunos pelas tecnologias e, também sua participação quando estas são incluídas em sala de aula.

Como já discutido nas sessões anteriores, estamos inseridos em um mundo de comodidades, onde o esforço é pouco utilizado, com o desenvolvimento dos aparatos técnicos e tecnológicos fez surgir uma dependência racional que caiu em um certo tipo de estagnação intelectual por parte das pessoas como um todo e embora seja possível identificar marcas e apontar culpados ao tentar explicitar a difícil situação em que se encontra a educação, não há um denominador comum. Neste sentido, afirma Arendt (2000, p. 5)

Numa crise por mais claro que um problema de ordem geral se possa apresentar, é sempre impossível isolar completamente o elemento universal das circunstâncias concretas em que esse problema aparece. Ainda que a crise na educação possa afetar o mundo inteiro, é significativo que seja na América que ela assume a forma mais extrema. A razão para tal decorre talvez do facto, de apenas na América uma crise na educação se poder tomar verdadeiramente um fator político.

A realidade educacional hoje é, de uma educação guiada por imposições do Estado. Há um desencontro da escola com a sociedade. A escola contemporânea tem funcionado como transmissora de informações prontas e moldadas, que não incentiva a criação e reflexão sobre a realidade. O tipo de educação que continua a predominar nos dias atuais é de uma educação essencialmente tecnicista, portanto, os objetivos ao qual as instituições de ensino tem priorizado se voltam a uma realização de satisfação pessoal. O estudante só apreende na medida que aquilo que é ensinado é significativo para ele, é compreendido como capaz de fazer suas necessidades.

A escola, como mola propulsora da educação, tem um papel primordial no processo de esclarecimento na vida do aluno. No entanto, qual contribuição tem desempenhado os professores na condução rumo ao esclarecimento, a emancipação intelectual, se os próprios professores, em sua grande maioria, encontram-se ainda inseridos no campo da menoridade? Quem educa o educador? Sob a ótica de qual segmento sua racionalidade é constituída?

Dentre os problemas aqui sinalizados, possivelmente, o que apresenta um caráter mais preocupante dada a complexidade dos fatos está o que envolve a crise da racionalidade, por estarmos nós, professores, inseridos em um sistema cheios de regras e que nos impossibilita de maneiras diversas ao caminhar em direção ao esclarecimento, ou seja, ao pensar crítico. Neste sentido:

A pergunta, que a crítica Horkheimeriana desencadeia e que atinge em cheio a pedagogia, é a seguinte: o que podem a filosofia e a pedagogia contra o caráter “administrado da sociedade”, se ambas são herdeiras do iluminismo? Essa questão pode ser desdobrada numa outra, mais fundamentalmente: ainda é possível educar para a autonomia? (SILVA, 2001, p. 200).

Sem dúvida, é uma pergunta que não é fácil de se responder e que nos traz um certo embaraço ao acenar positivamente a pergunta que indaga a possibilidade de se educar para a autonomia, sobretudo, diante das evidências presenciadas e que se colocam à nossa frente já a bastante tempo. Todavia, para Kant, é importante confiar em uma educação que se tornará melhor aperfeiçoada a cada nova geração, podendo assim, chegar a felicidade da espécie humana

É entusiasmante pensar que a natureza humana será sempre melhor desenvolvida e aprimorada pela educação, e que é possível chegar a dar aquela forma que em verdade convém a humanidade. Isto abre a perspectiva para uma futura felicidade da espécie humana. O projeto de uma teoria da educação é um ideal muito nobre e não faz mal que não possamos realiza-lo. Não devemos considerar uma ideia como quimérica e como um belo sonho só porque se interpõem obstáculos à sua realização (KANT, 1996, p. 17).

### **Considerações finais**

A necessidade em perceber o papel que a escola vem desempenhando neste século XXI, nos lança a busca dos significados e dos sentidos que o sistema educacional tem, ou deveria ter, diante da formação das novas gerações e do novo tipo de racionalidade por elas desenvolvidas. Essa compreensão se torna fundamental quando percebemos que a escola se mantém de maneira determinada, impondo certos modos de pensamento e conduta, com objetivos e fins específicos e singulares.

A presente pesquisa tem como objetivos principais discutir e problematizar algumas questões referentes à sociedade moderna, principalmente no que diz respeito ao espaço educacional, seu ensino e os sujeitos que o constitui, assim como também, a racionalidade moderna, descrita como uma racionalidade instrumental, consequência de um processo de industrialização e avanços técnico-científicos. No desenvolvimento deste trabalho, os questionamentos foram feitos com o propósito de levar o leitor à reflexão, papel principal da filosofia. Sendo assim, não tem como pretensão trazer respostas prontas ou resolver a

problemática ao qual se encontra o espaço educacional público nos dias de hoje, o que não significa dizer que não possa ser colaborativo, de alguma maneira.

A aposta na racionalidade, ainda que tenha desembocado, numa racionalidade moderna operacionalizada, afetando a autonomia do sujeito, não deve ser abandonada. É necessário aprender a observá-la de outro modo, modo esse que nos dá a autonomia para criticá-la e redefini-la objetivando, assim, a sua recuperação ou ainda, um novo começo racional que leve em consideração a humanidade em sua totalidade e que coloque como preceito o reestabelecimento dos valores éticos e morais, para que assim, por meio da educação se alcance, como proposto por Kant, o esclarecimento e a felicidade humana.

Essa nossa pesquisa é apenas o início de um processo de descoberta em relação à temática escolhida, que poderá ser melhor desenvolvida e aprofundada em momentos posteriores (mestrado, doutorado). Não tivemos a ousadia em ir além da constatação de que a modernidade foi o *locus* de nascimento da razão de predomínio subjetivo, que tinha como sonho a emancipação do sujeito em todos os âmbitos da sua existência (Kant). E também a constatação de que essa razão de predomínio subjetivo também resultou em mazelas para a humanidade (Horkheimer). Não tivemos, portanto, a pretensão de fazer uma pesquisa mais aprofundada em relação a todo o discurso filosófico crítico da modernidade, existente na filosofia contemporânea. Ou a uma reconstrução desse discurso, como faz Habermas, ao querer oferecer uma visão mais positiva e abrangente de racionalidade (a razão comunicativa) que procuraria neutralizar os aspectos negativos da razão instrumental.

## REFERÊNCIAS

ARENDDT, Hannah. A crise na educação. In: Entre o passado e o futuro. Tradução Mauro W. Barbosa de Almeida. 3ª reimpressão da 5ª ed. de 2000. São Paulo: Perspectiva, 2005.

HORKHEIMER, Max, 1895-1973. Eclipse da razão; tradução de Sebastião Uchoa Leite. São Paulo: Centauro, 2002, 192 p.

KANT, Immanuel. Resposta à pergunta: o que é o esclarecimento? In: \_\_\_\_\_. Textos Seletos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL**  
**CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDU**  
**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO – TCC**  
**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO “LATO SENSU” EM FILOSOFIA E EDUCAÇÃO – 2016/2017**  
**(RESOLUÇÃO nº 26/2015-CONSUNI/UFAL de 04/05/2015)**

---

KANT, Immanuel. (1724-1804) Sobre a pedagogia. Tradução de Francisco Cock Fontanella. Piracicaba: Editora Unimep, 1996, 114p.

PETRY, Franciele Bete. O conceito de razão nos escritos de Max Horkheimer. Cadernos de filosofia Alemã, v. 22, p. 31 – 48, 2013.

SERRES, Michel. Polegarzinha. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013, 96 p.

SILVA, Divino José da. Ética e educação para a sensibilidade em Max Horkheimer – Ijuí: Ed. UNIJUI, 2001, 264 p.

TEIXEIRA, Anísio S. A crise educacional brasileira. Revista brasileira de estudos pedagógicos, Brasília, v.80, n.195, p. 310 – 326, mai/ago. 1999.